

“O MVETT”: UMA TRADUÇÃO

Anna Carolina Legroski¹

Universidade Federal do Paraná

Resumo: No presente trabalho apresentamos uma discussão das estratégias e problemas de tradução encontrados ao longo de nossa tradução do livro “O Mvett” de Tsira Ndong Ndoutoume, autor gabonês de tradição fang. A tradução desta obra foi motivada por sua grande influência no imaginário africano e por um convênio com o Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná que, baseado na Lei Federal nº 10.639 de 2003, procura inserir na pós-graduação meios pelos quais seus alunos entrem em contato com a temática da diáspora africana e da influência da cultura africana na cultura brasileira.

Palavras-chave: Tradução; literatura africana; cultura africana.

I. Introdução

O vínculo entre os povos da África negra e os brasileiros é extremamente forte, uma vez que estes povos tiveram papel ativo na formação cultural do país. Dado o papel destes povos africanos na constituição cultural do Brasil, é de vital importância conhecer e valorizar não só a cultura oferecida e trazida por eles, mas também suas formas de expressão artísticas. Infelizmente, a disseminação da cultura negro-africana ainda é pouco explorada

1. Trabalho apresentado à disciplina de Orientação Monográfica 2, sob orientação da Professora Nathalie Anne-Marie Dessartre, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

em nosso país, principalmente no que toca à literatura, uma vez que não são muitos os escritores africanos a figurarem nas prateleiras de livrarias brasileiras. Pensando na divulgação dessa cultura por vezes negligenciada, criou-se no Brasil, há dez anos, a Lei nº 10.639/2003, que prevê a inclusão do conhecimento da temática da diáspora africana e da influência da cultura africana na cultura brasileira no ensino público e privado do país. Por esta razão, a pós-graduação do setor de Educação da Universidade Federal do Paraná precisou viabilizar a criação de uma biblioteca de obras de escritores africanos e, dentre eles, os francófonos. A partir daí, em 2010, veio o convite deste setor para que a área do Francês, da faculdade de Letras da mesma instituição, se responsabilizasse por um projeto de tradução de obras da África francófona, que seria financiado pela Fundação Araucária. Alguns professores da área de Francês passaram então a orientar alunos bolsistas da graduação em Letras na tradução destes livros.

Para este trabalho, escolhemos o romance “Le mvett” do escritor gabonês Tsira Ndong Ndoutoume. Este livro conta a epopeia de Oveng Ndoutoume Obame, o líder da tribo das Chamas, que entra em uma saga para exterminar o ferro da superfície terrestre, pois este seria a origem dos males que açoitam a humanidade. Porém Oveng Ndoutoume Obame encontra resistência em seu projeto por parte da tribo dos Imortais, liderada por Ndoumou Obame. Esta é a origem de uma série de combates violentos entre os homens poderosos de ambas as tribos.

Embora seja uma epopeia fang, povo que vive onde atualmente é o Camarões, foi escrito todo em francês, língua oficial do país em que foi escrito. Na introdução, o autor justifica o uso da língua imposta pelo neocolonialismo: “Se os negros têm necessidade das línguas ocidentais com vocação universal para levar ao mundo seus recursos culturais, é porque os ocidentais desprezaram as línguas africanas ao impor as suas”². Assim, para ser ouvido fora de sua própria comunidade, o autor teve de recorrer à língua do dominador e abdicar da força de expressão de sua língua materna.

2. NDOUTOUME (1983, pg. 10).

No presente artigo discutimos as estratégias de tradução utilizadas ao longo do trabalho tradutório, bem como os problemas de tradução de maior relevância.

2. A tradução

Traduzir é aventurar-se em terras estrangeiras. Nossa aventura na tradução do livro “O mvett” foi ainda maior, porque optamos por começar diretamente pela prática tradutória para apenas depois passarmos a nos debruçar sobre a teoria. Foi quando encontramos consonâncias entre nosso pensamento e o de teóricos da tradução, que defendem os mesmos tópicos nos quais acreditamos.

Procuramos, em nosso trabalho tradutório, uma maior aproximação em termos semânticos e formais com o texto original, no sentido de mantermo-nos ao máximo fiéis a ele sem, no entanto, desatentar das características literárias que ele apresentava, como no caso do estranhamento, que lutamos para preservar. Salvo raras exceções, procuramos manter o sentido e a forma sem nos amarrarmos às categorias gramaticais e buscamos ao máximo tirar proveito da transparência entre as duas línguas latinas.

Ao entrarmos em contato com as diferentes estratégias da tradução, pudemos perceber que, ao longo de nosso trabalho, utilizamos não apenas uma, mas várias delas, uma vez que cada problema de tradução demandou uma solução diferente. Batalha e Júnior (2007, p. 33-34) apontam que há diversas estratégias para se abordar em uma tradução: a tradução palavra por palavra (ou literal), o empréstimo, o decalque, a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação.

Tendo em vista a proximidade entre a língua de origem e a língua alvo – Francês e Português respectivamente –, justamente por terem origem românica, por vezes a tradução literal foi possível. Um exemplo é a tradução da frase “*Je rends exécutoire la proposition d’Engouang Ondo*”³, que,

3. Página 153 do texto-fonte e 123 da tradução. O texto fonte foi retirado do livro de NDOU-

traduzida literalmente, resulta em «eu torno executável a proposição de Engouang Ondo». Porém esta estratégia não foi utilizada em larga medida, uma vez que ela se distancia da construção de sentidos e não atenta para esta ou aquela especificidade literária do texto. Como seria o caso de se traduzir “*Ramène à la raison les ennemis ‘aux oreilles dures’*”⁴ literalmente por “Traz à razão os inimigos de ‘orelhas duras’”: em Português, o termo “orelhas duras” não passa a mesma teimosia que “*oreilles dures*”.

A modalidade de empréstimo também foi utilizada ao longo da tradução, uma vez que, em casos de termos sem tradução para o Português, precisamos recorrer à forma francesa das palavras. Exemplo desta modalidade é a tradução de *fourous*⁵, que resultou na mesma palavra, uma vez que estes insetos são endêmicos da África e, portanto, não existem nem no solo nem no imaginário brasileiro. Nossa tradução foi sustentada pelo fato de que, em língua inglesa, os insetos mantiveram o nome francês. Aqui, portanto, realizamos um empréstimo dos termos, já que nos vimos impossibilitadas de traduzi-lo.

Dentro da tradução do “O Mvett” pudemos identificar trechos de decalque, que seria a forma de traduzir uma expressão de maneira literal, apenas transpondo seus elementos um após o outro. Embora não se encaixe quando se trata de um texto longo, este recurso tradutório se mostra útil ao lidar com termos isolados, como no caso daqueles que não possuem equivalente na língua alvo. Um exemplo: o *chasse-mouches*⁶, não existindo

TOUME (1983) e a tradução faz parte do trabalho homônimo de conclusão de curso da autora do artigo.

4. Página 23 do texto-fonte e 15 da tradução.

5. Página 29 do texto-fonte e 17 da tradução.

6. Página 28 do texto-fonte e 17 da tradução. “De tous les coins de la tribu de Flammes des murmures s’élevèrent. Dans l’air, des hommes, transformés en énormes chauves-souris, volaient et allaient atterrir à Nkobam, village d’Obame-Ndong, où ils reprenaient leur forme humaine! Cent, deux cents, trois cents individus s’amassèrent dans la cour. Obame Ndong se leva, secoua son chasse-mouches et dit: - c’est moi qui vous ai appelés [...]”.

na cultura brasileira como o cetro que designa, foi traduzido literalmente por “caça-moscas”. Discutiremos mais longamente esta opção adiante.

Em poucas ocasiões precisamos nos valer da transposição, que ocorre quando uma categoria gramatical substitui seu correspondente semântico na língua de partida, ou seja, quando há alteração gramatical para preservar o significado do período. Este caso aparece na modificação das estruturas frasais com verbos no presente do indicativo que, no Francês, indicam também a continuidade de uma ação para estruturas com o verbo no gerúndio, como no caso da passagem “je rêve”, no presente contínuo, que se transformou no gerúndio “estou sonhando”⁷. Os casos de transposição serão discutidos mais largamente no próximo capítulo.

Caso semelhante é o do uso da estratégia de modulação, que apresenta uma opção sintática diferente de uma língua para outra, sem que esta modifique o sentido, mas que contribui para que a tradução soe mais próxima do que se esperaria na língua alvo, sem causar estranhamento ao leitor. Exemplo disso é a modulação que operamos em certas construções que levavam o pronome relativo francês *que*, transformando-as em frases de voz passiva para torná-las mais adaptáveis ao contexto de fala brasileiro. Desta forma, a frase “*Ils habitent la grande vallée qu’entoure la chaîne de montagnes Enik-Ba*”⁸ foi traduzida por “Eles habitam o grande vale circundado pela cadeia de montanhas Enik-Ba”. O uso desta estratégia de tradução do pronome relativo para a voz passiva foi recorrente.

Em casos isolados, utilizamos a modalidade de tradução chamada equivalência. Nela, há uma modificação total do enunciado em ordem de fazer valer o seu significado. Este é o caso da expressão *bouche à oreille*⁹,

7. Página 79 do texto-fonte e 61 da tradução. “– Je rêve, dit Assame complètement ahuri. Et il se mit à chanter [...]”

8. Página 74 do texto-fonte e 56 da tradução.

9. Página 142 do texto-fonte e 114 da tradução. “Inutile de vous dire que toutes les cuisines du village se mirent aussitôt en transes. Les commentaires allaient bon train et les nouvelles circulaient de bouche à oreille avec une célérité incomparable.”

que se transformou em “boca a boca”, completando o sentido de uma notícia que viaja rápido, de uma pessoa para outra, por via oral. A tradução literal de “boca a orelha” não seria capaz de construir o mesmo sentido daquela escolhida por nós. Neste caso, nos orientamos pela preocupação de encontrar uma expressão em português dentro do campo semântico do corpo humano, preservando assim aquele proposto pelo autor.

Na medida em que nos mantivemos fiéis ao texto-fonte, procuramos não recorrer à adaptação, forma tradutória que seria uma espécie de ampliação de equivalência utilizada quando não há referencial no universo cultural dos falantes da língua alvo. Esta estratégia poderia ser utilizada na questão previamente apresentada do termo “*fourous*” e propor uma tradução para “butuca”, que não é o mesmo animal, mas que passa a ideia de picada dolorida ao leitor brasileiro. Porém, quando nos deparávamos com problemas desta ordem, preferimos nos valer do decalque, da tradução literal e dos empréstimos, explicando minimamente o termo em nota de rodapé.

Portanto, podemos notar uma grande variedade de recursos utilizados ao longo da tradução para dar conta dos problemas impostos na medida em que estes apareciam. Tendo em vista as estratégias utilizadas, passamos, a seguir, a uma discussão mais ampliada dos problemas de tradução.

2.1 Problemas de tradução

A primeira barreira encontrada na tradução foi a escolha entre a repetição de nomes e de pronomes proposta pelo autor, ou de sua supressão em favor de um texto mais fluido. Em textos de língua portuguesa é comum que haja uma cadeia de referência anafórica ou catafórica, quando se trata da nomeação de um sujeito, para que as repetições sejam evitadas, o que deixa o texto mais truncado. Em “O Mvett”, Tsira Ndong Ndoutoume utiliza-se largamente da repetição dos nomes – dos nomes completos dos personagens, aliás –, usando uma cadeia de referências mais estreita. A explicação pode girar em torno do caráter oral do texto, que pede repetições, criando fórmulas que, quando repetidas, avivam a memória dos ouvintes.

Estas repetições também marcam uma cadência no texto-fonte e, assim sendo, preferimos mantê-las, por mais que fuja das normas de redação e de coesão do texto. Conforme Britto (2012, p. 101):

Mas quando se trata de obter um efeito de oralidade, é importante que o pronome seja explicitado, pois é assim que procedemos na nossa fala cotidiana (...) há que levar em conta que *efeito de oralidade* não é a mesma coisa que *transcrição da fala oral*; se o tradutor repetir os pronomes a ponto de incomodar o leitor, de nada adiantará argumentar que as pessoas de fato falam assim. A boa marca de oralidade é aquela que provoca um efeito de verossimilhança sem chamar demais atenção para si própria. (BRITO, 2012, p. 101)

Desta forma, buscamos respeitar a marca de oralidade proposta pelo texto para que ela fosse passada no texto traduzido. Não houve necessidade de interferir nas repetições, posto que elas não chegaram a ser incômodas para a fluência da leitura.

Um exemplo da marca de oralidade do texto são as várias formas de grafia utilizadas para os mesmos nomes próprios, por exemplo, o lugar onde começa a ação que se chama Nkobam¹⁰ e, uma página depois, aparece grafado com dois “a”, Nkobaam. Ora, são vários os exemplos de nomes próprios que apresentam diferentes grafias ao longo do texto. Se tivéssemos optado por padronizá-los, acabaríamos interferindo no texto em sua forma, portanto, preferimos garantir a variedade de formas de escrita dos nomes e fizemos uma nota de rodapé explicando que o autor se valeu deste recurso.

A pontuação apresentada no texto era pouco ortodoxa. Porém, entendemos esta forma de pontuar como uma marca da oralidade. Desta forma,

10. Página 27 do texto original e 17 da tradução.

mesmo tendo consciência da diferença da organização textual entre a língua fonte e a língua alvo, sobretudo no que diz respeito ao uso das vírgulas, preferimos manter o texto, ao máximo, próximo de suas marcas orais. Novamente, optamos por preservar os traços de oralidade, distintivos do texto, e oferecemos ao leitor uma nota de rodapé explicativa.

Outro exemplo é a certa descontinuidade no registro que o autor utiliza ao longo do texto: ora ele utiliza termos e expressões coloquiais, ora utiliza um vocabulário mais formal, com palavras que não são do uso corrente na língua francesa de todos os dias. Ora, como nossa tradução¹¹ se pretende, se não fiel, ao menos próxima do texto-fonte, optamos por conservar a variedade lexical apresentada pelo autor, mesmo que ela cause certo estranhamento no texto e, por vezes, um certo desconforto na leitura. Um exemplo disso é o termo *volatiser*¹², termo pouco utilizado tanto em francês quanto em português fora dos laboratórios de química. Como, porém, o autor usa recorrentemente esta palavra para definir o que deve acontecer com o ferro no planeta, optamos por conservar seu equivalente da língua de origem na língua alvo.

Então, após decidir as questões que nortearam a tradução ao longo do texto, pudemos passar a problemas tradutórios mais localizados, como no caso de termos e expressões. De início, na apresentação do texto, de autoria também de Tsira Ndong Ndoutoume, tivemos de optar pela tradução de dois termos em língua francesa (*nègre* e *noir*) como apenas um termo em língua portuguesa (negro). *Nègre* traduz-se por negro, enquanto *Noir* seria preto. Este termo, porém, se enquadra no politicamente incorreto quando se trata de raça por ter em si uma forte carga de preconceito racial.

11. Primeira aparição do verbo, estando no particípio, na página 35 do texto-fonte e 23 da tradução. "Dès que la ferraille te sera présentée dans un village, siffle. Elle sera happée par le grelot et volatilisée. "

12. Página 14 da tradução, como *calao*. "Un énorme calao loge dans son oreille gauche ". O termo está na página 23 do texto original. Nos referimos apenas às primeiras aparições dos termos no texto.

Desta forma, optamos por deixar na tradução apenas o termo “negro”, tratando a questão racial de forma neutra.

O personagem de Medang-Boro Endong possui um *calao bicorne*¹³ alojado em sua orelha esquerda. Em um primeiro momento tivemos dificuldades para encontrar um termo português que traduzisse o nome da ave, pois sendo típica dos territórios africano e asiático, não é natural do solo brasileiro. Porém uma pesquisa por seu nome científico, *Buceros bicornis*, nos levou ao equivalente português: “calau bicórnio”, o que resolveu o problema.

Porém na frase: “*Des armées de fourmis magnans aux pincas menaçantes partaient à la conquête de gîtes nouveaux*”, o termo *fourmis magnans* é o nome popular para o gênero as formigas *dorylus spp.* Como estes insetos são de um gênero apenas existente na África, seu nome não tem tradução para o português. Para solucionar este problema, recorremos ao termo científico *dorylus* que, por ser latinizado, é universal para a nossa tradução. A frase em português ficou, portanto, “Exércitos de formigas *dorylus* de pinças ameaçadoras partiam para a conquista de novos abrigos”.

No trecho “*Bientôt le noir vira au bleu touraco et du bleu touraco au rouge queue de perroquet*”¹⁴ traduzimos as cores *bleu touraco*, que faz referência ao azul vibrante do pássaro turaco, e *rouge queue de perroquet* literalmente para “azul-turaco” e “vermelho-cauda-de-arara”, guardando a referência do mundo animal feita pelo autor. Optamos por preservar o campo semântico, pois a narrativa tira força da fauna e da flora locais e suprimir dados como este seria roubar sentidos do texto. No caso do pássaro turaco, por se tratar de um animal que não faz parte do imaginário brasileiro, redigimos uma breve nota de rodapé, explicando que a ave é da ordem dos Musophagiformes, típica da África sub-sahariana, de intensa coloração azul.

13. Página 38 do texto-fonte e 26 da tradução.

14. Página 26 do texto-fonte e 16 da tradução. “Au loin dans le montagne herbeuse retentissaient les aboiements des chiens, le son des grelots et les hui! hui! d'un chasseur poursuivant le gibier”.

Uma onomatopeia no texto-fonte (*les hui! hui! d'un chasseur*¹⁵) foi perdida durante a tradução. Ao invés de traduzirmos os gritos, optamos por traduzi-los apenas por “os gritos”, uma vez que não encontramos qual seria o equivalente para estes ruídos na língua alvo. A tradução do trecho ficou, portanto: “Ao longe, na montanha coberta de grama, eram ouvidos os latidos de cachorros, o som dos guizos e os gritos de um caçador perseguindo a caça.”

No caso da expressão *c'est un homme de palabres*¹⁶, a tradução literal “é um homem de palavras” não é adequada, uma vez que *palabres* refere-se não à tradução literal do termo, mas a uma assembleia de homens da tribo que se reúne para deliberar assuntos importantes. A tradução encontrada para este termo, que inexistia em língua portuguesa, foi: “É um homem da assembleia da Árvore da Palavra”, de forma a evidenciar a reunião feita. Problema semelhante o termo *la tribu de Palabres*¹⁷ trouxe à tradução. Neste caso e nos demais envolvendo o termo *palabre*, repetimos a solução da primeira ocorrência e adaptamos as frases para o termo “assembleia”.

Na descrição do personagem Medza Metougou Endong, o autor diz que ele “*Ramène à la raison les ennemis 'aux oreilles dures'*”¹⁸, o que significa que ele traz à razão os teimosos. A tradução literal neste caso também não se encaixa, pois “orelhas duras” não é equivalente a “teimosos” em português. O primeiro reflexo foi, então, de transformar esta expressão (que o autor deixa marcada como expressão popular, ao utilizar aspas no texto) em um equivalente na língua alvo, algo como “cabeças duras”, porém esta transformação implicaria perder o campo semântico do ouvir/orelhas. Tendo isto em vista, optamos pela solução: “Traz à razão os inimigos de

15. Página 23 do texto-fonte e 15 da tradução.

16. Página 37 do texto-fonte e 25 da tradução.

17. Página 23 do texto-fonte e 15 da tradução.

18. Página 26 do texto-fonte e 17 da tradução.

‘que não querem ouvir’”, que perde a força de expressão cristalizada, mas mantém o campo semântico.

No caso da expressão “*les fiançailles et les mariages vont bon train*”¹⁹, sendo pouco provável manter seu campo semântico, entendemos ser melhor adaptar a expressão popular para seu correspondente na língua alvo, obtendo, então: “os noivados e os casamentos vão de vento em popa”.

Exemplo similar é o da tradução de “*Il faut, dit-il avec un sourire, que je sois devenu une vraie poule pour avoir peur*”²⁰; neste caso, recorremos ao termo “frangote”, na tradução de *poule* (galinha), para obter um sentido semelhante do gerado na língua de origem, sendo que, em ambos os casos, as imagens são constituídas por expressões populares que definem aquele que sente medo como um membro da família dos galináceos. A tradução dos períodos ficou, portanto: “é preciso, ele disse a si mesmo com um sorriso, que eu tenha virado um verdadeiro frangote para ter medo”.

A primeira tradução para o termo “*le magicien de Engong*”²¹ seria “o mágico de Engong”. Porém optamos por utilizar a palavra “mago”, uma vez que “mágico” carrega em si um aspecto mais lúdico da magia, nos remetendo aos mágicos de festas e de televisão. Desta forma, a imagem que impõe respeito de um *magicien d’Engong* ficaria perdida caso esta fosse nossa solução. Desta forma, a opção por “o mago de Engong” conserva o respeito imposto e se aproxima mais da imagem evocada no livro de alguém que se aproximaria da nomenclatura de xamã ou de pajé.

O termo *corps-de-garde*²², amplamente utilizado no texto, ofereceu dificuldade para ser traduzido. Na África, o *corps-de-garde* é uma espécie

19. Página 38 do texto-fonte e 26 da tradução.

20. Página 24 do texto-fonte e 16 da tradução. “Dans le corps-de-garde, couché sur le côté à même un lit de bambous vernis, la tête appuyé sur la paume de sa main gauche, un vieillard décrépit fumait tranquillement sa pipe.”

21. Página 26 do texto-fonte e 16 da tradução.

22. Página 28 do texto-fonte e 17 da tradução.

de guarita situada na entrada da aldeia, de onde os homens vigiam a entrada e a saída dos estrangeiros e onde também eles se reúnem para fumar cachimbo e conversar. É ali que o tocador de mvett agrega seu público para partilhar suas epopeias. Em um primeiro momento, optou-se pela tradução literal “corpo da guarda”, mas, ao ser confrontada pela dúvida da construção de sentido deste termo, que define um lugar onde os homens da tribo se congregam para escutar histórias, escutar o tocador de mvett, fumar cachimbo e também fazer a guarda da entrada da tribo, optamos pelo termo “guarita da aldeia”, que embora apresente perdas de sentido, pois uma guarita no Brasil é um lugar pequeno para um ou dois seguranças fazerem a guarda de um território, oferecia mais possibilidades de construção de sentido. Porém, em uma conversa com membros do Exército Brasileiro, o termo “corpo da guarda” veio à baila, corroborando para o retorno à primeira alternativa de tradução, uma vez que o termo militar é de uso contínuo neste meio e designa um lugar de reunião maior do que uma simples guarita.

A seguinte construção ofereceu grande dificuldade na sua tradução: “Obame Ndong se leva, secoua son chasse-mouches et dit”²³. O problema apresentado aqui é que o termo *chasse-mouches*, existiria em tradução literal para o português, porém designa um objeto completamente diferente do referido no texto-fonte. O “caça moscas” brasileiro é um objeto para, de fato, caçar moscas e matá-las, já o *chasse-mouches* africano é um cetro ligado à figura de realeza que indica que quem o possui tem poder e está acima dos outros. Como os dois termos são absolutamente diferentes, optou-se pela tradução: “Obame Ndong se levantou, sacudiu seu cetro caça-moscas e disse”, que evidencia a natureza real do objeto, pela utilização do termo “cetro”, e conserva seu uso de espantar os insetos. Além disso, inserimos uma nota de rodapé explicitando a natureza do objeto africano.

23. Página 29 do texto-fonte e 17 da tradução. “Les fourous et les moustiques se répandirent dans l’air et dans les cases”.

O termo “*fourous*”²⁴, que designa insetos dípteros próprios da África, assemelhados a uma pequena mosca, permaneceu sem tradução, uma vez que não foi encontrada tradução possível para o português e, quando ele é referido em língua inglesa, seu nome continua sendo *fourou*. Fizemos, então, uma nota de rodapé para explicar o que é este pequeno animal.

A expressão “*Sonnez le cor*”²⁵ apresentou resistência para a tradução. O termo *cor* designa o instrumento musical trompa. Este instrumento, porém, não faz parte da herança africana, sendo que a alternativa “corneta” se aproxima mais do instrumento que designa.

Outro termo que ofereceu um grande desafio para a tradução foi o “*pagne*” em “*la couleur du pagne*”²⁶. Este termo designa uma peça de tecido ou de material vegetal trançado, geralmente retangular, com a qual uma pessoa cobre seu corpo da cintura até as coxas. Discutimos a possibilidade de utilizar “saiote” ou “canga”, porém, ao utilizá-los, sofreriamos perdas significativas no que trata da questão cultural africana, pois eles não a exprimem. Não obtendo uma solução mais completa, optamos pela palavra “saiote”.

No trecho “*Ntoutoume Mfoulou tripotait déjà um gigantesque nerf d'hippopotame*”²⁷, precisamos recorrer à adaptação, uma vez que *nerf d'hippotame*, embora pudesse ser traduzido literalmente, não é algo que exista no imaginário de um leitor brasileiro. Trata-se de um objeto de tortura que inflige grande dor à vítima feito a partir do trançamento de nervos de hipopótamo. Ora, se tal instrumento não existe no Brasil, não há porque traduzi-lo literalmente. Optamos, então, por “cassetete”, palavra que transpassaria algo do medo imposto pelo instrumento de tortura.

24. Página 31 do texto-fonte e 20 da tradução.

25. Página 10 do texto-fonte e 2 da tradução. “*Tout est signe et sens en même temps pour les Nègro-africains, [...] la couleur du pagne, la forme de la kora, le dessin de sandales de la mariée [...]*”.

26. Página 139 do texto-fonte e 108 da tradução.

27. Página 64 do texto-fonte e 48 da tradução.

Outro problema encontrado ao longo do trabalho tradutório foi a frase “*Le sanglier ne se dit jamais gras, pas plus que l’éléphant ne se vante d’être gros*”²⁸. Aparentemente, esta frase faz parte do imaginário fang, porém seu significado tanto para um informante francês quanto para a tradutora não se fez evidente em uma primeira leitura. Se analisadas, as palavras *gras* e *gros* têm o mesmo significado, sendo adjetivos que designam grande massa corporal, ou em bom português, “gordo”. Ora, se a mesma palavra em português fosse utilizada na comparação entre o javali (*sanglier*) e o elefante (*éléphant*), a expressão ficaria redundante e teria o significado prejudicado. Optamos, então, pela seguinte solução: “O javali nunca se diz gordo, assim como o elefante não se vangloria de ser grande.”.

Outro problema que se tornou evidente na tradução diz respeito ao estranhamento que a cultura africana, por inserir elementos de um imaginário pouco explorado no Brasil, traz. O caso mais latente é o da relação espaço-temporal que se apresenta de forma diferente da que estamos acostumados. No livro, em um salto, era possível ir de um país a outro em determinado momento, enquanto em outro eram necessários vários dias de viagem. As relações temporais também são distintas das nossas e o tempo é marcado através da quantidade de luas ou de estações secas e chuvosas passadas. Nestes casos, optamos sempre por preservar o estranhamento causado, como nos trechos de luta em que os antagonistas se perseguiam por meio de saltos prodigiosos, mas que, na volta do caminho, levavam dias em um percurso a pé.

Em “*Enfonçant l’orteil mâle du pied droit dans le sol, il se catapulte si prodigieusement dans les airs que son échine frôla la voûte céleste*”²⁹ o termo *orteil male du pied droit* causa grande estranhamento, pois o dedão do pé é adjetivado com o termo “masculino”. Embora a marca de gênero cause estranhamento na leitura, tanto em francês quanto em

28. Página 88 do texto-fonte e 69 da tradução.

29. Na página 107 do texto-fonte e 85 da tradução.

português, optamos por conservá-la, uma vez que o autor escolheu sua utilização mesmo sendo incomum em língua francesa e a escolha ocorre duas vezes no texto³⁰. O estranhamento obtido na língua de origem é, portanto, mantido na língua alvo, sem que a frase passe por simplificações. A tradução resultou em: “Empurrando a ponta do dedão masculino do pé direito no chão, ele se catapultou tão prodigiosamente nos ares que sua coluna roçou a abóbada celeste”.

No trecho “*Il est accompagné d’Ela Minko M’Obiang, son adjoint*” usamos de modulação e, ao invés da palavra adjunto, que seria a tradução literal, mas que não significaria muito a um falante de português brasileiro, optamos pelo termo “braço direito”. Discutimos a possibilidade da inserção de “imediate” na tradução, uma vez que é a mesma função de um “braço direito”, porém, por se tratar de um termo de um léxico muito específico, o náutico, optamos por um com o sentido mais amplo.

Outro problema que causou impasse à tradução foi a presença, mesmo que pequena, de erros de ortografia. O termo *fragellés* foi particularmente desafiador, uma vez que pesquisamos com afincos possíveis significados da palavra, com retorno nulo, até constatarmos que poderia ser uma palavra mal grafada. O trecho “*les membres fragellés, le cerveau traversé par des éclairs fulgurants, Eyenga Nkabe sent le sol se dérober sous ses pieds*”³¹ não dá muitos indícios contextuais do que poderia ser *fragellés*. Após pesquisas infrutíferas, nos deparamos com a possibilidade da palavra ser, na verdade, *flagellés*, o que faz sentido na frase. Desta forma, optamos por flagelados e a tradução ficou: “Com os membros flagelados, o cérebro atravessado por relâmpagos fulgurantes, Eyenga Nkabe sente o chão fugir debaixo de seus pés”.

Além dos desafios de ordem lexical, encontramos alguns de ordem morfosintática, como é exemplo o trecho: “*Le sifflet magique arraché,*

30. Página 53 do texto-fonte e 38 da tradução.

31. Página 40 do texto-fonte e 27 da tradução.

Nkame Mbourou le porta à ses lèvres.”³², no qual o primeiro período designa uma ação no tempo. A tradução literal, que levaria em conta apenas o particípio do verbo *arracher*/arrancar, não teria seu sentido completo. Optamos, então, por inserir um advérbio temporal no texto (“após”) e um verbo auxiliar (“ter”) para passar a noção de ação que aconteceu: “Após ter arrancado o apito mágico, Nkabe Mbourou levou-o a seus lábios”. Neste caso, precisamos inserir elementos na oração do texto original para que a marcação de tempo, conseguida apenas com um particípio na língua fonte, fosse preservada. Encontramos diversas vezes este fenômeno durante a tradução.

Outra alteração importante que precisamos operar foi a transformação de tempo verbal no caso de “*je rêve*”³³, cujo verbo se apresenta no presente contínuo do indicativo que, na língua fonte, indica uma ação que está sendo realizada. Para sua transposição para a língua portuguesa, utilizamos o gerúndio “estou sonhando”, para deixar claro que a ação era descrita durante seu desenrolar.

No caso de orações com o pronome relativo “*que*”, optamos, por vezes, por fazer uma inversão de vozes ao invés de traduzi-las como subordinadas. Então, a frase “*Ils habitent la grande vallée qu’entoure la chaîne de montagnes Enik-Ba*” transformou-se em “Eles habitam o grande vale circundado pela cadeia de montanhas Enik-Ba.”. Outro exemplo é o caso de “*La chaîne de montagnes Enik-Ba se trouve au pays que baigne le soleil*”, que se transformou em “A cadeia de montanhas Enik-Ba encontra-se no país banhado pelo sol”. Estas alterações foram feitas no intuito de dar mais fluência ao texto, deixá-lo mais “natural” aos falantes do português.

Esta discussão não exaustiva de alguns dos problemas de tradução mais desafiadores que encontramos ao longo do percurso ilustra a variedade de estratégias utilizadas para solucioná-los, o que exemplifica a forma como

32. Página 79 do texto-fonte e 61 da tradução.

33. Página 74 do texto-fonte e 56 da tradução.

entendemos o processo tradutório. Valemo-nos de decalque, da transposição, da modulação, da equivalência e, em um caso particularmente desafiador, da adaptação. Assim que estes problemas se apresentavam, procuramos discuti-los e encontrar as soluções que fossem mais fiéis ao texto-fonte, sem nos afastar do campo semântico deste, mesmo que as soluções propostas demandassem alterações no campo da forma.

3. Conclusão

Em primeiro lugar, a tradução de um livro como “O Mvett” se faz premente não apenas pela imposição legislativa de dar a conhecer aos alunos do ensino público e privado as raízes africanas que reverberam em nossa história, mas também no que tange à importância da obra para o imaginário africano e à ponte que ela pode fazer entre as culturas africana e brasileiras, ao inserir nesta um repertório cheio de situações e cenas maravilhosas. Essa obra se insere no próprio imaginário africano, que admite sua importância para as criações literárias que vêm depois, uma vez que Tsira Ndong Ndoumou inovou na narrativa ao transformar uma epopeia de origem oral em um texto escrito, e foi ainda mais ousado ao escolher a língua dominante de seu povo para expressá-la.

Assim, nos lançamos à tarefa de traduzir as linhas de Tsira Ndong Ndoumou, privilegiando as estruturas linguísticas comuns entre a língua de partida e a língua alvo como forma de nos mantermos fiéis ao texto-fonte. Diversas foram as estratégias de tradução utilizadas ao longo de nosso trabalho, desde a tradução por vezes literal, até seu oposto, a equivalência, passando pelo decalque, pelos empréstimos, pela transposição e modulação, sempre procurando passar a nosso leitor a mesma sensação de estar no corpo da guarda, escutando, em ritmo cadenciado, uma epopeia maravilhosa e incrível, como a vontade do escritor mandava.

Enfrentamos diversos problemas de tradução ao longo do caminho, uma vez que o imaginário africano não dialoga largamente com o brasileiro, o que fazia faltar termos exatos que exprimissem as relações pretendidas

pelo autor. Sobre esses problemas nos debruçamos e optamos por soluções nem sempre de todo satisfatórias, porém todo tradutor precisa lidar com perdas em suas traduções, já que as línguas, por mais próximas que sejam, não apresentam equivalência total no campo semântico.

Esta é, porém, uma realidade no trabalho do tradutor que vai além da função de dicionário bilíngue, que é capaz de apontar traduções desta ou daquela palavra ao reconstruir um texto, com seus efeitos estéticos, com seus estranhamentos, com suas marcas de oralidade.

Referências

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- BATALHA, Maria Cristina; PONTES JR, Geraldo. *Tradução*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro, Best Bolso, 2011.
- LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução*. São Paulo: Edusp, 1993.
- NDOUTOUME, Tsira Ndong. *Le Mvett*. Paris: Présence Africaine, 1983.
- OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- STEINER, George. *Depois de Babel*. Curitiba: Editora UFPR, 2005.